

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

Rochele Pires Fontoura

De criança a aluno:

A construção da identidade escolar na Educação Infantil

Porto Alegre

2º Semestre

2012

Rochele Pires Fontoura

De criança a aluno:

A construção da identidade escolar na Educação Infantil

Trabalho de conclusão de curso apresentado à comissão de graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Carmen Silveira Barbosa

Porto Alegre

2º Semestre

2012

*Dedico este trabalho a todos os meus
alunos que me mostraram o quanto são
únicos e diversos ao mesmo tempo.*

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar a minha Mãe que sempre me deu força e alento nos momentos de medos e incertezas e que me fez acreditar que eu conseguiria chegar até aqui. Agradeço ao meu Pai que desde muito cedo me mostrou o valor imensurável que a educação tem na vida de qualquer sujeito, me fazendo querê-la bem. A Deus por ter me dado saúde e perseverança nas ocasiões em que a razão gritava que não conseguiria dar conta de todas as tarefas e no fundo o coração sussurrava que sim, no fim tudo daria certo. Agradeço imensamente ao meu amigo, parceiro, companheiro de todas as horas e meu amor incondicional Jeferson por ter me cobrado incessantemente que eu me esforçasse e desse o melhor de mim para com os meus estudos, o qual sempre me falou o quanto eu sou capaz de ir mais além, conquistando cada vez mais meus objetivos. Agradeço a irmã de coração que a vida me deixou escolher, Mitiéle, a qual foi minha parceira de estudos desde a primeira série do Ensino Fundamental, onde crescemos e aprendemos juntas tudo que a educação nos proporcionou. Agradeço a toda minha família pelo apoio, a confiança em mim e em meus sonhos e o orgulho que dedicam a mim pelas minhas escolhas. Agradeço aos amigos que compartilharam as alegrias e as incertezas do caminho. Agradeço aos meus alunos que fazem da minha vida um mundo cheio de novidades e felicidades diárias com cada descoberta que fazemos juntos, em cada sorriso, choro, brigas, brincadeiras, mas que sempre me fazem aprender um pouco mais a cada dia. A minha Orientadora de Estágio e do Trabalho de Conclusão Maria Carmen Silveira Barbosa, pelas palavras amigas e afetuosas, que serviram de inspiração para minha prática docente e que certamente farão parte da minha jornada profissional. Agradeço as amigas, colegas e parceiras Jéssica Anjos e Mayara Costa por me proporcionarem manhãs alegres e de muitas risadas, as quais dividiram comigo todas as ânsias e pânico que estes quatro anos nos proporcionaram.

Deixo meu muito obrigada a todos que de uma forma ou outra passaram pelo meu caminho e teceram junto a mim minha trajetória acadêmica e pessoal.

“Identidade é um conceito relacional, fluído e mutável, porque diz respeito aos marcadores que elegemos para vivermos em grupo, em sociedade. As identidades então, são construídas por memórias, saberes, artes e ofícios da escritura que constituem, e devem constituir, uma intensa e profunda conversa entre os atores/autores.(ROBIN; RICHTER, 2011, p.72)

RESUMO

A construção da identidade de aluno na Educação Infantil é o tema desta pesquisa. O foco são as percepções que as crianças possuem de sua condição e o quanto as narrativas podem ser produtoras destes “seres alunos”. Os objetivos deste estudo são: identificar a visão que as crianças possuem de sua condição de aluno na escola infantil e avaliar a relevância das narrativas na produção desta identidade escolar. O referencial teórico utilizado encontra-se situado no campo dos estudos sobre a infância e dos estudos culturais com ênfase nos estudos de Tomaz Tadeu da Silva e Stuart Hall. A pesquisa foi realizada com um grupo de 4 e 5 anos, de crianças da EI, POA, e as metodologias utilizadas foram baseadas em observações participantes registradas em diário de campo e entrevistas semiestruturadas com as crianças. Os resultados foram analisados a partir do cruzamento de dados e o debate com a teoria, tendo assim percebido que as crianças possuem noções distintas do que são na escola e em casa, que a elas é ensinado um modelo específico de aluno, o do ensino fundamental, entretanto eles possuem um discernimento claro de que na EI são alunos diferentes do modelo ensinado a eles.

Palavras chave: Identidade escolar; Educação Infantil; Narrativas.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	7
2 IDENTIDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
3 CAMINHOS METODOLOGICOS	13
4 NARRATIVAS	16
4.1 Que narrativas são estas? Como elas afetam as crianças?	18
5 DE QUE IDENTIDADE ESTAMOS FALANDO?	20
5.1 O ser aluno	21
5.2 O aluno da educação infantil	24
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERENCIAS	27
APÊNDICES	
APÊNDICE A - CONVERSAS COM AS CRIANÇAS/ALUNOS	28
ANEXOS	
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	32

1 APRESENTAÇÃO

O presente trabalho parte da minha inquietação por entender como as narrativas familiares permeiam as memórias e as identidades das crianças. Justifico a escolha do tema pelo fato de ter me deparado com algumas situações que expressam muito claramente o quanto as falas das famílias afetam as identidades das crianças, principalmente a identidade escolar, o ser aluno.

A escrita do texto foi tecida do ponto de vista dos estudos sobre a infância, tendo como sujeitos do trabalho crianças de cinco anos de idade de uma turma de Jardim da Educação Infantil, e no campo dos estudos culturais o qual vem ganhando grande espaço por suas características inovadoras na investigação sobre o assunto.

Meus questionamentos foram surgindo ao longo de minha atuação como Professora de Educação Infantil, em uma escola da rede privada de Porto Alegre/RS. Quando lá me deparei com crianças da minha turma que em suas falas e em seus comportamentos mostravam-se inundadas das narrativas dos pais sobre como deveriam ser na escola, com os colegas nas brincadeiras, com as professoras ou até mesmo como seria o futuro destas crianças.

Essas falas dos pais muitas vezes se deram em minha frente quando questionavam o filho sobre o comportamento na escola, ou sobre as habilidades que queriam que os filhos apreendessem na escola. Percebi com o tempo, e conhecendo mais meus alunos que muitos “vestem” uma “roupinha de aluno” quando chegam à escola, e quando encontram os pais na hora de ir embora simplesmente se despem dessa roupa com tamanha agilidade e vontade.

Com estes anseios por minha parte em compreender esta multiplicidade de identidades infantis procurei conhecer e saber mais sobre estas narrativas as quais os adultos estão permeando as crianças. Encontrei em minhas memórias também muitos traços das falas de meus pais sobre como gostariam que eu fosse na escola, e assim percebi que minha identidade de aluna sempre possuiu muito do que eles me sussurraram durante a infância sobre este tema.

E é a estas identidades múltiplas que estão na sala de aula a que este trabalho é dedicado. A diversidade de identidades de alunos que encontramos em nosso caminho que são tão íntimas e singulares em meio a uma pluralidade de sujeitos que lá convivem. As identidades individuais das crianças são sempre construídas de alguma forma por diferentes influências, quando pequenas as famílias são as narradoras primordiais das crianças, as identidades como um todo são produções tanto culturais ou sociais como escreveu Tomas Tadeu da Silva em seu artigo sobre a produção da identidade e diferença,

A identidade e a diferença tem que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto das relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.(SILVA,200,p.76)

A escrita do autor demonstra o quão intimamente identidade e diferença são ligadas, uma vez que uma perpassa a outra, e isto nos remete ao tema da diversidade, porque ela existe através das diferenças entre os sujeitos, uma vez que suas identidades são oriundas a partir de narrativas culturalmente e socialmente diversas.

O trabalho será dividido em algumas sessões em que irei dedicar minha escrita para alguns aspectos: considerações sobre o tema identidade, o que é a identidade de aluno, e as narrativas como formas de construção por parte dos adultos/família em criar sujeitos, conceito de narrativa e suas formas de aparecer.

2 IDENTIDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Identidade em qualquer contexto é uma palavra com significados múltiplos e diversos, uma vez que tende a significar o que e quem são os sujeitos, ou pelo menos na maioria das vezes é o que pensamos quando nos deparamos com esta palavra. Entretanto ao olhar para esta palavra com um pouco mais de atenção podemos perceber que ela indica na origem de sua escrita o prefixo *idem* o qual vem do latim e significa “o mesmo”.

Este prefixo do latim nos remete a pensar o quanto este significado tem de fato relação com as construções de identidades, as quais são tão plurais e que criam com isso a gama de diversidade que temos com indivíduos tão diferentes entre si, mas, no entanto tão ambigualmente parecidos com seus pares.

Logo é aí que este “o mesmo” interessa para a escrita deste texto, porque é a partir dele que as narrativas criam e produzem identidades tão semelhantes com as de quem narra, ensina, ou então, análogas aos seus sonhos e premissas de como gostariam que estes indivíduos fossem. Isto acontece desde muito cedo, na verdade desde que se descobre a gestação, porque desde então as famílias já imaginam como esta nova criança será, quais serão os seus gostos, suas preferências, e assim por diante.

A escolha do nome também pode ser uma pista do que as famílias esperam deste indivíduo, por exemplo, uma criança que possui o nome de algum parente da família que já faleceu, recebe este nome muitas vezes em função de uma homenagem para o familiar, ou então porque os pais admiravam muito uma pessoa com este nome e desejam que o filho venha a possuir tantas qualidades e aptidões quanto à pessoa que tinha este nome possuía. Enfim a escolha do nome é um primeiro passo para a construção de um “véu” em torno desta nova vida, um véu que irá sendo descoberto aos poucos enquanto este cresce e vai se apoderando ou não do bordado tecido pela família sobre este véu.

Com as perspectivas dos estudos culturais, que evidenciam que o indivíduo nesta perspectiva não é nunca uno, não possui uma identidade singular, ao contrario disso o autor Stuart Hall, aceita que “as identidades não são nunca

unificadas”(HALL, 2008,p.108), esta não unificação a qual o autor se refere diz respeito o quanto na modernidade até mesmo a identidade está cada vez mais fragmentada e fraturada.

Podemos pensar esta fragmentação como um ponto chave para a construção das identidades, já que somos ao mesmo tempo muitas coisas e possuímos muitas identidades em um só eu. Identidades que também se alteram com o tempo. Este eu é permeado por inúmeros discursos, os quais fazem com que sejamos cada vez mais um pouco de cada coisa ao invés de um todo completo. Nossas partes estão imersas no todo, mas a meu ver o todo muitas vezes não se encontra com as partes.

Digo isto porque ao mesmo tempo em que um indivíduo é criança, ele é filho, é colega, é amigo, é aluno, isto é, é sujeito, atravessado por diferentes olhares, discursos e constantes mudanças de papéis. E estes são fruto de todos os discursos que são absorvidos sem muita mediação por este indivíduo, que no estudo aqui discutido, na maioria das vezes por serem crianças e crianças pequenas de quatro, cinco anos de idade, este absorver nem ao menos tem a chance de ser discutido, do ponto de vista se deve ou não ser desta ou de outra forma. Entendo neste ponto o que Hall descreve como identidades com fraturas.

Fraturas estas que não são expostas aos olhos como um braço quebrado ou um machucado aparente, porém estão lá dentro de cada um de nós, guardadas em locais remotos da nossa memória. E quando digo que tenho alunos que entram na escola vestindo a sua roupinha de aluno e que ao enxergarem os pais às despem ligeiramente, entendo que esse despir para eles é o momento em que agora essa parte de mim fica aqui, não vai para minha casa, uma vez que lá eu sou outras coisas, como eu disse as partes estão no todo, mas o todo nem sempre se encontra nas partes.

E que discurso será este que constitui e é constituído por quem o repete? Que falas são estas que são tão incisivas em suas palavras que acabam por fazer parte dos sujeitos por tempos tão longos? Hall escreve que

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais

históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas(HALL, 2008,p.109)

Este “específico” que o autor defende na sua escrita, é no meu ponto de vista a resposta para as perguntas referidas anteriormente. Pois é apenas no interior de cada prática que de fato o discurso interpela e arrebatada na construção de identidades tão múltiplas como percebemos em cada indivíduo. Discursos estes que estão em tantos lugares e realizados de tantas formas que muitas vezes passam por nós despercebidos, talvez porque nós mesmos somos o produto de tantos destes, que acabamos por reproduzi-los sem nos darmos conta da carga que eles possuem.

3 CAMINHOS METODOLOGICOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar como este trabalho foi pensado no início, e como foi produzido ao decorrer de seu percurso. Esta pesquisa foi tecida aos pouquinhos, uma vez que meu objeto e problema de pesquisa demoraram um pouco para serem delimitados, porém como escreveram as autoras de *Pesquisa Qualitativa em Saúde* “O objeto de investigação científica requer, dessa forma, um elaborado trabalho de construção. É nele que reside, em grande parte, a originalidade da pesquisa”(VICTORIA, KNAUTH, HASSEN, 200, p. 48).

Com a aproximação do campo e as leituras, e o passar do tempo constitui uma questão primordial para o desenvolvimento da pesquisa junto às crianças: queria eu encontrar o olhar delas em relação a sua condição de um “ser escolar”, saber o que pensavam a respeito disso, o que era para elas serem alunos.

Alunos de um lugar diferente do qual estamos acostumados a ouvir problematizações, são eles alunos da Educação Infantil, modalidade na qual se espera e deseja um aluno diferente do qual encontramos no Ensino Fundamental. Além disso, queria mais, ansiava por encontrar respostas que me indicassem se ou como esta identidade de aluno era construída em sua origem pelas famílias, as quais sempre demonstraram um interesse forte por esta construção. Bom, a partir destes delineamentos que o trabalho foi recebendo, pude então caracterizar minha pesquisa metodologicamente.

O estudo em questão situa-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, ou seja, é uma pesquisa realizada com um grupo pequeno de indivíduos através de ação direta com os envolvidos, caracterizando assim este tipo de pesquisa. Entretanto a pesquisa possui um certo caráter etnográfico, porquê me permitiu analisar os sujeitos em questão tendo como ponto central o contexto no qual eles estão inseridos, “os comportamentos humanos só podem ser devidamente compreendidos e explicados se tomarmos como referência o contexto social onde eles atuam”(VICTORIA, KNAUTH, HASSEN, 2000, p.52), e é deste local que falo, de um contexto social, cultural e singular do espaço escolar.

Meus instrumentos metodológicos para produção/geração de dados e informações acerca do tema de estudo, designaram-se conforme meus objetivos para o trabalho foram surgindo. Tendo como objetivo central da pesquisa analisar as visões que as crianças possuem da sua identidade de aluno e como esta os permeia em situações e momentos diversos.

Para subsidiar/responder o objetivo central desta pesquisa – analisar as visões que as crianças possuem da sua identidade de alunos e como esta os permeia em situações e momentos diversos - realizei entrevistas e observações com quatro alunos da turma de minha docência, todos com cinco anos de idade.

Construí perguntas que permitiu que meu método fosse cruzado, no sentido de que a entrevista partiria de uma conversa na qual o caminho seria desenhado por mim, mas que eles como sujeitos centrais deste estudo ditariam o ritmo que a conversa tomaria. Também construindo um ponto de encontro entre a teoria estudada, as observações e as entrevistas realizadas junto a eles.

Além disso, realizei observações durante dois meses destas crianças em seus momentos de brincadeiras na sala de aula e no pátio, em atividades pedagógicas e atividades livres, nas quais eu tive a oportunidade de percebê-los em suas identidades de alunos na escola e claro também, com sua família nos momentos de chegada e saída. Porque, “observar na pesquisa qualitativa, significa “examinar” com todos os sentidos um evento, um grupo de pessoas, um indivíduo dentro de um contexto, com o objetivo de descrevê-lo”(VICTORIA, KNAUTH, HASSEN, 2000,p. 62), e estas observações, muitas vezes participativas, uma vez que estou imersa no grupo há mais de um ano, fizeram com que eu levasse meus questionamentos a frente.

Realizando a releitura de minhas anotações, manuscritas em meu diário de campo encontrei problematizações que orientaram minhas perguntas para as crianças. E estas acabaram se remodelando em meus objetivos específicos do estudo.

Sendo o primeiro objetivo, identificar através dos discursos das crianças a visão que as crianças têm de sua condição de aluno na escola de Educação Infantil, bem como de suas capacidades e o que delas se esperam. Pensando este objetivo

como ponto de partida para as análises tentando enxergar o que elas pensam de sua condição realmente.

Segundo perceber como as crianças se colocam e se portam diante de situações diversas na escola, nas quais suas identidades escolares adquirem outras formas de agir; sendo este um caminho para encontrar as “roupinhas” que as crianças aprendem a vestir e despir dependendo da situação na qual elas estão sendo colocadas. Sendo pensadas aqui estas roupinhas como sinônimos das narrativas que atravessam a produção indeníria destas crianças.

E por fim avaliar a relevância das narrativas para a produção destas identidades escolares tão plurais e únicas ao mesmo tempo; logo este objetivo é o ponto chave deste estudo, esta análise das falas das crianças sobre o que seus pais, sua família, os adultos, falam sobre como devem se portar na escola, como devem ser alunos, é o que me faz crer em uma identidade escolar pautada e produzida através de narrativas.

4 NARRATIVAS

Em busca de respostas

A palavra “narrativa” remete a cada individuo um conceito diferente. As histórias são narradas, as regras de um jogo, as instruções de uma tarefa, a contação de experiências, enfim quase tudo pode ser narrado. Mas quero aqui demonstrar outro tipo de narrativa, aquelas que nos são verbalizadas quando nos dizem como devemos ser, como devemos agir em um ou outro lugar, ou seja, como querem que nós sujeitos sejamos. Isto pode nos levar a pensar em um tipo de aprendizagem relacional a qual como se refere os autores Luigi Anolli e Sussana Montovani

(...)a exigência de considerar a aprendizagem humana não somente como aquisição de conteúdos e conhecimentos específicos, mas também, de maneira mais extensa como normas sociais, estilos comunicativos, sequencias interativas, bem como modelos relacionais, constitutivos da estrutura de personalidade do próprio sujeito(ANOLLI;MONTOVANI, 1998,p.286)

Este tipo de aprendizagem acontece diariamente nas relações entre os indivíduos, mas quem nos diz isso? Quem são os autores destas narrativas tão íntimas? A partir das análises de minhas entrevistas percebi muito claro dois sujeitos ímpares na autoria destas narrativas: a família como ponto central relatada por todos os entrevistadores como protagonista desta narrativa e uma menina ao ser perguntada sobre quem diz a ela como o aluno tem de ser respondeu: **C. (pensa, me olha fundo) as profes, a mãe e o pai.** Ao citar as “profes” como sujeitos também desta formação de identidade, surpresa perguntei para ela “*E quem diz isso?*” **C. (risos) vocês.** Com isso desde o dia da entrevista tenho refletido e assumido um papel de observadora de meus próprios atos e atitudes perante minha turma.

Esta fala dela mexeu muito comigo, me incomodou sinceramente. Porque até aquele dia não me via como uma professora que almejasse alunos com características desta formação de identidade escolar vista. E permaneço não me

vendo assim, entretanto em alguma atitude minha, em minha fala ela encontrou esta semelhança com a narrativa escutada em casa. O riso dela ao dizer **“você”** demonstra que mesmo sendo questionada novamente e vendo minha expressão de surpresa com a resposta dela, ela não tateou e confirmou que sim as professoras a ensinaram um modelo de aluno que para ela é o mesmo que sua família ensinou em sua casa.

Em minhas observações em sala de aula tentei perceber em que momento talvez eu pudesse ter falado alguma coisa que a fez entender dessa forma, e percebi que nos momentos em que as atividades dirigidas são realizadas eu peço silêncio, peço para que prestem atenção, enfim minhas palavras remetem as palavras dos pais quando dizem que na escola tem que ouvir as profes, que precisam prestar atenção para aprender e etc.

A identidade de aluno para eles é muito clara e distinta da identidade de criança, que foi o que disseram que são em casa. Talvez o que os pais queiram ao ensinar uma identidade escolar é que esta se transporte para a relação em casa, porém pude perceber que o que ocorre é o avesso, eles entendem pelo o que é narrado a eles que na escola devem ser comportados, mas que ao sair do portão da escola podem ser o que quiserem, uma vez que para eles foi ensinado um modelo claro e distinto o de aluno e não o de criança, filho.

Na entrevista com G. ela deixa isso muito evidente quando perguntada como era em casa ela responde: **“às vezes eu não me comporto, brigo com a mãe e me comporto com a R (a babá)”** questionada sobre seu relacionamento com a irmã ela diz: **“Às vezes eu brigo, falo bem alto.”** E ela é uma criança que veste completamente a “roupinha de aluno”, uma vez que na escola fala muito pouco e quando o faz é bem baixinho.

Na minha visão é aí que se cai ao erro, não seria muito mais simples ensiná-los que devem ser autônomos, críticos e que devem aproveitar ao máximo cada etapa de suas vidas e escolarização sendo o que querem ser?

4.1 Que narrativas são estas? Como elas moldam as crianças?

São narrativas que buscam tecer nas crianças uma identidade de aluno que não condiz com a identidade escolar esperada pela instituição e pelos professores. Falas que demonstram para as crianças de alguma forma que mesmo falando como devem ser alunos de um modelo tão parecido com o modelo do ensino fundamental, o modelo de escola infantil que eles se apropriaram a partir das vivências que tiveram na instituição prova que no fundo eles sabem que não são os alunos deste modelo e sim os alunos da escola infantil.

J. ao contar-me sobre a escola onde a irmã estuda, uma instituição da rede privada onde ela cursa o ensino fundamental, me relata o seguinte: **No colégio grande só pode tomar água uma vez, só uma, sabia? (para, pensa e fala), Profe posso tomar água?** Esta última pergunta dele quando pede para tomar água, mostra nitidamente que ele sabe que ali onde ele está à visão é outra, pode tomar água à hora que quiser. E que ele não é um aluno igual ao que a irmã é em sua escola.

Estas narrativas falam muito mais sobre um “estigma” um “modelo” de sujeito do que verdadeiramente sobre um indivíduo real, que tem suas vontades, curiosidades e uma personalidade única e individual. Porque mesmo que a cultura, o mundo que rodeia estas crianças construam de alguma forma uma parte da personalidade deles, há sempre um pedaço que é profundo, é uno, não tem igual ao de ninguém. Dentre todas as “roupinhas” que vestimos ao longo do percurso, há uma que está em nós feita tatuagem, que marca nossa pele, é apenas nossa e de mais ninguém.

E é esta personalidade íntima que constrói a diversidade que encontramos, com pessoas diferentes entre si, em seus interesses, gostos, aptidões, habilidades e em seus detalhes, pois,

Cada família, cada agrupamento afetivo próximo, cada arranjo familiar traz consigo uma quantidade de hábitos, costumes, saberes e fazeres que são ao mesmo tempo, próximos e distantes, gerais e particulares, singulares e plurais(ROBIN; RICHTER,2011,p.74)

O que os autores trazem em sua escrita é o que encontramos em cada um, as narrativas sejam elas familiares, escolares ou da cultura moldam os indivíduos de acordo com o resultado que almejam que aquele ser alcance. Formam identidades rotuladas e vazias, uma vez que todos os meus alunos falaram sobre o mesmo modelo de aluno, mesmo sabendo que na verdade eles não eram iguais ao modelo do qual estavam me falando, repetiram mesmo assim o texto que os foi dirigido em alguns momentos de suas vidas.

Com cinco anos de idade já sabem como as pessoas querem que eles sejam e o que querem ouvir, ou seja, responderam-me talvez inverdades, porque eu sou a professora deles, como me poderiam falar sobre um aluno diferente do qual suas famílias e as professoras estão acostumadas a ensinar-lhes? Fico imaginado o que deve ter passado em suas cabecinhas na hora de minhas perguntas, por suas expressões faciais percebi que alguns sabiam que eu sabia que não era real o que estavam dizendo, o sorriso no rosto deles deixava claro isto.

Tanto que quando perguntados sobre qual lugar gostavam mais de estar na escola, aonde se sentiam bem, posso resumir três respostas em uma só: **“no pátio, é muito mais divertido”**, questionados sobre os motivos de lá ser tão mais divertido que a nossa sala de aula, disseram **“no pátio da brincar mais, da para fazer mais coisas”**. As falas deles evidenciam que neste momento em que falam sobre o pátio, é o momento em que estão sendo eles, crianças que são e não os alunos que os ensinaram que devem ser.

Preocupa-me como professora os motivos pelo qual o pátio é tão mais divertido, a questão de que lá da para brincar mais, minhas reflexões sobre minha prática aponta discursos meus, de que tem coisas que fazemos no pátio e outras que fazemos na sala, e é obvio que as do pátio são muito mais livres e divertidas.

Enfim, as narrativas são sim um marcador que constrói identidades e que tece caracteres em cada indivíduo. Às vezes são tão arrebatadoras que o sujeito não consegue se desvencilhar delas e acaba por engolir tudo que o é dito e acaba perdendo o discernimento do que realmente ele quer absorver e o que não serve para ele.

5 DE QUE IDENTIDADE ESTAMOS FALANDO?

Encontrei a partir de minhas observações e entrevistas, mais claramente nas entrevistas, uma linha de alguns aspectos comuns que conformam a identidade muito específica destas crianças, a identidade de aluno, uma vez que em suas falas ficou clara uma construção de um jeito de ser muito pautado no que a família/adultos dizem para eles no sentido de como devem ser na escola.

Esta identidade a qual me refiro, é sem dúvida um ponto de partida para que essas crianças percebam desde muito cedo que em situações e ambientes diversos elas têm de saber como se portar, precisam entender como devem ser na escola, em casa, em passeios e elas deixam evidente isso quando dizem que na escola são alunos e em casa são eles mesmos, citando seus nomes. Tomás Tadeu da Silva escreveu que

(...) podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade esta ligada a estruturas discursivas e narrativas(SILVA, 2008,p.96)

Todos estes adjetivos utilizados pelo autor para designar um estado para a identidade, são encontrados em cada um de nós quando refletimos sobre nossas diversas “roupinhas”, que não estão em um closet, estão dentro de cada um de nós, tatuadas em nossa mente. E estas foram produzidas por alguém em algum momento de nossa trajetória, de tal forma que nos impregnou.

E esta identidade de aluno, a identidade escolar, pode ser variável dependendo do contexto do qual estamos falando, uma vez que se fala muito do aluno do ensino fundamental em como este deve ser para aprender os conteúdos necessários desta modalidade de ensino. Mas, e o aluno da educação infantil será ele um aluno ideal como os livros nos mostram, alunos que possuam uma visão de mundo própria, que sejam autores de sua aprendizagem, que verbalizem suas expectativas e dúvidas quanto a sua condição de criança?

5.1 O ser aluno

Aluno, o que define um sujeito como tal?

Ser aluno é sem dúvida uma construção histórica e social, que vem de muito tempo atrás, como escreveu o autor espanhol José Gimeno Sacristán “O aluno é uma construção social inventada pelos adultos ao longo da experiência histórica”(SACRISTÁN,2005,p.11). As escolas em certa época foram centros que abrigavam apenas uma parte da sociedade, mais favorecida e que por isso merecia ter acesso à educação. Com a democratização, a escola passou a ser um local de livre acesso, um *lugar para todos*. Entretanto me pergunto, será que a sociedade e a instituição escolar estavam preparadas para se transformarem neste local que serviria para todos?

Os estudos da filosofia, sociologia e da história da educação no nosso país, nos mostram que esta mudança neste sistema causou inúmeras diferenças, e que talvez tenha sido o aporte para a transformação da educação no Brasil. Trago este recorte histórico para ilustrar o quanto a categoria escola foi se resignificando com o passar do tempo.

Com este olhar para o passado podemos notar o quanto a própria identidade de aluno foi se transformando ao longo do tempo, uma vez que em um primeiro momento alunos eram aqueles que detinham o saber, os quais eram privilegiados pela sua classe social. Depois com o acesso para todos a escola este aluno não era mais o detentor do saber, eram agora todos iguais, alunos que deveriam ver na educação e na escola um privilégio de melhoria de vida. A escola seria então um caminho que levaria a uma vida melhor.

Nos dias de hoje a escola é vista com diversos olhares por inúmeras pessoas as quais fazem parte dela. Os alunos são sem dúvida, os agentes do pensamento sobre a escola. E as famílias as produtoras desses alunos que moldam a escola, vejamos o quanto essas ligações são intrinsecamente ligadas e ambíguas entre si. Um constrói o outro, o qual também foi construído pelo outro. Logo essas

relações têm muito a nos dizer. Como cerne desta questão esta a família e a construção de identidade escolar, o ser aluno.

Ser aluno, quem é este ser? Aluno segundo o dicionário significa 1. Que recebe instrução ou educação em escola; 2. Aprendiz, discípulo, educando. No meio acadêmico por muitos aluno é significado como sem luz, em função do prefixo *a* de negação, porém visto pela etimologia da palavra em sua origem aluno vem do verbo latino *alo* que significa nutrir. O que nos remete a pensar que este ser o aluno deve ser nutrido pelos que o rodeiam e pela instituição de ensino da qual ele pertence.

Sendo assim corroboro as colocações de Sacristán (2005) quando escreve que ao acreditarmos que são “menores”, sua voz não nos importa e não os consultamos para elaborar ou reconstruir a ideia que temos sobre quem eles são. Os adultos definem a si mesmos, e os menores são definidos pelos adultos, o autor demonstra em suas palavras como os adultos são percursos nesta construção destes menores, aqui entendidos como alunos.

Feitas estas caracterizações sobre a escola e sobre o ser aluno, trago falas de meus alunos entrevistados sobre o que é para eles serem alunos.

G. relata quando perguntada sobre o que é ser aluno para ela, que aluno tem que aprender, tem que ser aluno para poder aprender, que tem que ser comportado e ouvir as profes.

L. respondi dizendo que ser aluno é obedecer as profes, estudar e trazer sempre a mochila para a escola.

Quando perguntados ao fim da entrevista sobre quem os ensinaram estas coisas sobre ser aluno, todos responderam a mesma coisa, que foram seus pais que disseram a eles como deveriam ser na escola. Atribuindo sentido a esta fala deles, trago um trecho de Sacristán quando escreve que

O aluno, como a criança, o menor ou a infância, em geral, são invenções dos adultos, categorias que construímos com discursos que se relacionam com as praticas de estar e de trabalhar com eles. São elaborações atribuídas aos sujeitos que pensamos ter algumas dessas condições(SACRISTÁN, 2005,p.13)

A partir dessas falas consigo perceber realmente o que o autor escreveu em seu livro “O aluno como invenção”, uma vez que verdadeiramente este ser aluno é uma invenção criada por nós adultos que os permeamos de nossas visões de mundo e de sujeitos, sem deixá-los pensar sobre sua condição puramente, já que esta condição já foi interferida por nossas ideias e ideais sobre como queremos que estes sejam.

Respondo minha colocação do início deste subtítulo quando me perguntei sobre o que define um sujeito como aluno, escrevendo que o ser aluno é um caleidoscópio em que percebemos muitas características e faces, no entanto se olharmos bem no fundo e nos focarmos em uma imagem dentre tantas que podemos perceber nele, veremos que reside ali um ser pensado, construído, elaborado e tecido a partir da visão do adulto, aqui representado pela família, que desde muito cedo passa e repassa para este ser como ele dever ser, agir e pensar no ambiente escolar.

5.2 O aluno da educação infantil

Será ele tão diferente do aluno do ensino fundamental?

A pergunta que inicia este texto me causa imensa preocupação. O aluno da educação infantil por via de regra possui um diferencial do aluno do ensino fundamental, uma vez que a modalidade de ensino da pré-escola pensa e discute a formação de um aluno crítico, ativo em suas criações, um aluno pensante que reaja a informações e que possa fazer suas próprias construções de mundo e de sujeito.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil mostram estas premissas em seu texto, conforme o capítulo que trás os princípios *“Éticos: da autonomia, da responsabilidade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e as diferentes formas de culturas, identidades e singularidades”*(2010, p.16) o texto mostra ainda o posicionamento que as escolas e professores devem possuir para formar assim alunos com estas características tendo como princípios, *“Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais”*(2010, p.16).

Entretanto o que percebi em minhas entrevistas, observações e análises é que as crianças são impregnadas por narrativas que dizem a elas para serem diferentes do que a escola infantil deveria querer. Em suas falas todos disseram que ***“Aluno tem que ser comportado, quietinho e tem que obedecer”*** este discurso para mim mostra que a visão deles de aluno não é a mesma que as Diretrizes nos proporcionam. Este aluno tem muito mais dos pressupostos do aluno do Ensino Fundamental que infelizmente é pautado em uma visão de disciplinamento das mentes e corpos.

Não é este o aluno idealizado pela Educação Infantil. Este aproximamento entre o conceito que as crianças possuem e a realidade da modalidade de ensino que as espera no primeiro ano me assusta, pois talvez eles estejam tão impregnados por este discurso que possam estar perdendo a oportunidade de aproveitar esta fase tão importante e que pode e deve proporcionar a eles aprendizagens e vivências profundas com significados amplos.

O que me acalenta é que refletindo a partir das minhas observações e das entrevistas realizadas com eles percebo que muito do que eles disseram sobre como o aluno tem que ser, não é o modo como na prática eles agem. Isso me deixa aliviada, uma vez que o discurso deles não condiz com o que eles são realmente dentro da escola. Por exemplo, quando perguntados sobre como o aluno tem que ser na sala de aula L, respondi assim: “***Tem que ser comportado (ri quando fala isso)***” este riso dele ao falar já demonstra que a fala dele não é a verdade que o permeia, ele diz como tem que ser, mas no fundo sabe que ele não é assim.

Pensando a proposta da Escola onde trabalho e realizei minha pesquisa, pensando minhas concepções de educação, o meu fazer pedagógico, sei que o que queremos é um aluno diferente do modelo que vemos nos anos iniciais, tanto que nossos objetivos são diferentes, almejamos formar alunos críticos e autônomos em seus saberes e tenho plena certeza que lutamos para conseguir isto durante o ano inteiro.

Por isso posso afirmar que o aluno da educação infantil é sim diferente do aluno do ensino fundamental, e ele merece ser. A infância da pré-escola tem de ser vivida em sua forma plena, a aprendizagem tem que ser de um modo lúdico e concreto ao mesmo tempo, e para isso não podemos almejar ter apenas alunos quietos, comportados e obedientes, temos que querer muito mais do que apenas a disciplina, visto que ao tomarmos somente ela como norte corremos o risco de produzir sujeitos alienados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa começou um pouco desordenada em minha mente, mas olhando agora e relendo meus escritos, analisando minhas entrevistas e refletindo sobre meus alunos, minha prática pedagógica, posso dizer sem clichês que este trabalho possibilitou que meu olhar se desviasse de um ponto só e se expandisse para novos horizontes.

As identidades tecidas a partir das narrativas, que de primeira mão pensei que fossem apenas familiares e com o caminhar do percurso me dei conta de que eu também fui e sou sujeito deste tecer, são em sua forma mais íntima uma questão que as crianças em sua maioria aprendem a lidar com tamanha eficiência e desprendimento, que fazem com que a mesma não seja tão profundamente tocada por essas narrativas.

Eles possuem um discernimento tão bem acabado sobre quem são e quem os outros gostariam que eles fossem que caminham por estes dois mundos sem deixar de ser realmente o que querem ser. A identidade escolar existe em cada um deles, como um modelo ensinado e como um modelo autêntico e individual que cada um deles possui e que constrói por si só uma diversidade enorme de sujeitos.

Como escreveu Tomaz Tadeu da Silva e seus colaboradores na obra *Identidade e Diferença*, estas duas andam lado a lado, uma construindo a outra e colaborando para que uma não se distancie da outra, porque como ele escreveu “*Identidade e diferença, são, pois, inseparáveis*”(SILVA, 2008, p.75). E é esta inseparação que o autor se refere é que faz com que meus alunos consigam ser unos, mesmo sendo impregnados por todas as narrativas que os rodeiam.

REFERENCIAS

BONDIOLI, Anna. **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos – uma abordagem reflexiva** / Anna Bondioli e Suzana Mantovani; trad. Rosana Severino Di Leone e Alba Olmi – 9. Ed. – Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Curso de educação a distância “**Diversidade no ambiente escolar: ênfase na educação de crianças de 0 a 10 anos**” / (orgs.) Maria Carmem Silveira Barbosa, Susana Beatriz Fernandes. – Porto Alegre: Editora Evangraf / UFRGS, 2011.

Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O aluno como invenção**. Trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 8. Ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VICTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Cap. 4, 5, 6 e 7. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000. (Leitura obrigatória)

APÊNDICE A – CONVERSAS COM AS CRIANÇAS/ALUNOS

Este anexo completa o trabalho trazendo na íntegra as entrevistas com as crianças, suas impressões e respostas sobre meus questionamentos me impressionaram me propuseram a mim uma intensa reflexão para a escrita deste trabalho.

Conversa com G.

1. Entrevistadora: Na escola G o que tu és?

G. *Tem que ser aluno para aprender.*

2. Entrevistadora: E como o aluno tem que ser?

G. *Tem que ser comportado e obedecer as profes.*

3. Entrevistadora: E na sala de aula como tem que ser?

G. *Comportado para aprender.*

4. Entrevistadora: E no pátio como é?

G. *Tem que descer de trezinho pra não se machucar na escada, e tem que se comportar pra brincar.*

5. Entrevistadora: E alguém te ensinou que tinha que ser assim?

G. *Minha Mana disse que tem que ser assim, e a Mãe.*

6. Entrevistadora: E em casa G. o que tu és?

G. *Em casa é a G., criança.*

7. Entrevistadora: E como a G. é em casa?

G. *às vezes eu não me comporto, brigo com a mãe e me comporto com a R (a babá)*

8. Entrevistadora: E com a Mana?

G. *Às vezes eu brigo, falo bem alto.*

9. Entrevistadora: E aqui na escola qual é o lugar que tu te sente melhor, que gosta mais de estar?

G. *Na sala e no pátio.*

10. Entrevistadora: O que achou da nossa conversa boa, fácil, ou foi difícil de falar?

G. *Fácil.*

Conversa com L.

1.Entrevistadora: Na escola L. o que tu és?

L. *Aluno ué.*

2.Entrevistadora: E como o aluno tem que ser?

L. *Tem que obedecer as profes, estudar e trazer sempre a mochila.*

3.Entrevistadora: E na sala de aula como tem que ser?

L. *Tem que ser comportado (ri quando fala isso)*

4.Entrevistadora: E no pátio como é?

L. *No pátio tem que brincar, cuidar o balanço, o pátio da pra fazer mais coisas.*

5.Entrevistadora: E alguém te ensinou que tinha que ser assim?

L. *Sim, falam que tem que se comportar e prestar atenção nas profes se não sem videogame.*

6.Entrevistadora: E quem diz isso?

L. *A Vovó e a Mamãe ué.*

7.Entrevistadora: E em casa L. o que tu és?

L. *Netinho (risos enquanto fala)*

8.Entrevistadora: E como o L. é em casa?

L. *Criança.*

9.Entrevistadora: E aqui na escola qual é o lugar que tu te sente melhor, que gosta mais de estar?

L. *O pátio de trás, da pra brincar, correr mais.*

10.Entrevistadora: O que achou da nossa conversa boa, fácil, ou foi difícil de falar?

L. *Fácil ué.*

Conversa com C.

1.Entrevistadora: Na escola C. o que tu és?

C. *Aluna.*

2.Entrevistadora: E como o aluno tem que ser?

C. *Calmo, tem que dividir.*

3.Entrevistadora: E na sala de aula como tem que ser?

C. *Tem que ser quieto na hora da atividade para fazer direito.*

4.Entrevistadora: E no pátio como é?

C. *Pode ser diferente, andar de balanço.*

5.Entrevistadora: E alguém te ensinou que tinha que ser assim?

C. *(pensa, me olha fundo) as profes, a mãe e o pai.*

6.Entrevistadora: E quem diz isso?

C. *(risos) vocês*

7.Entrevistadora: E em casa C. o que tu és?

C. *Criança.*

8.Entrevistadora: E como a C. é em casa?

C. *Bagunqueira.*

9.Entrevistadora: E aqui na escola qual é o lugar que tu te sente melhor, que gosta mais de estar?

C. *O pátio é muito divertido.*

10.Entrevistadora: O que achou da nossa conversa boa, fácil, ou foi difícil de falar?

C. *Boa, bem facinha.*

Conversa com J.

1.Entrevistadora: Na escola J. o que tu és?

J. *Aluno tagarela (risos)*

2.Entrevistadora: E como o aluno tem que ser?

J. *Aluno tem que ser comportado e querido.*

3.Entrevistadora: E na sala de aula como tem que ser?

J. *Tem que prestar atenção na atividade.*

4.Entrevistadora: E no pátio como é?

J. *É igual.*

5.Entrevistadora: E alguém te ensinou que tinha que ser assim?

J. *Na minha casa.*

6.Entrevistadora: E quem diz isso?

J. *As profes, meu pai, minha mãe a Sofi.*

7.Entrevistadora: E em casa J. o que tu és?

J. *Criança querida, eu ajudo a arrumar tudinho, ta certa a resposta?*

8.Entrevistadora: E como a J. é em casa?

J. Querido e tagarela. Minha mãe disse que não pode brigar, no pátio não pode bater.

9.Entrevistadora: E aqui na escola qual é o lugar que tu te sente melhor, que gosta mais de estar?

J. No pátio é mais diversão.

10. O que a tua mana que estuda num colégio grande te fala de lá?

J. No colégio grande só pode tomar água uma vez, só uma, sabia? (para, pensa e fala), Profe posso tomar água?

11.Entrevistadora: Já vamos só me diz mais uma coisa, o que achou da nossa conversa boa, fácil, ou foi difícil de falar?

J. Facil!

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa para trabalho de Conclusão de Curso

Construção das identidades escolares

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A presente pesquisa esta vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo produzidas para fins de Trabalho de Conclusão de Curso. Versa sobre as construções das identidades escolares das crianças na Educação Infantil

Para este fim serão coletadas entrevistas com as crianças em conversas abertas, nas quais surgiram questões acerca de como elas se percebem como alunos na escola infantil, bem como as características que cada um possui em momentos diversos durante o período da escola.

Seu filho (a) está sendo convidado (a) a participar deste estudo, assim sua autorização é solicitada para que a pesquisadora responsável – Rochele Pires Fontoura – possa realizar esta coleta de dados. Os dados e registros desta pesquisa serão mantidos sob sigilo ético, não sendo mencionado o nome do(a) participante, de forma fictícia, garantindo assim a privacidade e confidencialidade das informações. Todo o desenvolvimento do trabalho será orientado pela Prof^a Dr^a Maria Carmem Silveira Barbosa e seu destino final será uma Monografia de Conclusão de Curso, que ficara a disposição para a consulta publica na biblioteca da Faculdade de Educação da UFRGS.

Eu, _____ responsável por
_____ fui informado sobre os
objetivos da pesquisa acima descrita e concordo que meu filho/filha participe da
mesma.

Caso o participante tenha qualquer duvida, poderá fazer contato com a pesquisadora Rochele Pires Fontoura através do telefone (51) 85140059 ou com

sua orientadora Prof^a Dr^a Maria Carmem Silveira Barbosa, na Faculdade de Educação, pelo telefone (51) 33084189.

Assinatura do Responsável

Assinatura da Criança

Assinatura da Pesquisadora - Rochele Pires Fontoura